

MAPAS E RASTROS

A experiência da caminhografia como método virtual

MAPS AND TRACKS
An experience of caminhografia as a virtual method

**Paula Pedreira Del Fiol¹, Eduardo Rocha²,
Taís Beltrame dos Santos³, Vanessa Forneck⁴
e Isabella Khauam Maricatto⁵**

Resumo

Este escrito revisita as experiências de caminhografar a cidade proposta pela disciplina Cidade e Contemporaneidade do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da FAUrb/UFPel, ministrada no período de junho a setembro de 2020, durante a pandemia de covid-19. A narrativa resgata o método pré-pandemia e reflete sobre as mudanças, potências e limitações vivenciadas durante uma disciplina remota e síncrona. A partir disso, demarca alguns pontos a serem estabelecidos, escanteados ou ainda revisitados na inserção de ferramentas tecnológicas para o mapeamento de afectos. Logo discute a educação, o controle e as esperanças cabíveis em um cenário em transformação. Finalmente, apresenta mapas que vislumbram novas possibilidades de interação e leitura de uma subjetividade coletiva na e da cidade, adequadas a emergências críticas imbuídas nesse limiar entre o virtual e o não virtual.

Palavras-chave: caminhografia, subjetividade coletiva, urbanismo contemporâneo, virtual-não virtual.

Abstract

This paper revisits the experiences of walking the city proposed by the discipline Cidade e Contemporaneidade of the Graduate Program in Architecture and Urbanism (PROGRAU) of FAUrb/UFPel, from June to September 2020 during the covid pandemic covid-19. The narrative rescues the pre-pandemic method and reflects on the changes, powers and limitations experienced during a remote and synchronous discipline. From this, it demarcates some points to be established, scarred or revisited in the insertion of technological tools for the mapping of affects. Then he discusses education, control and hopes in a changing scenario. Finally, it presents maps that envision new possibilities of interaction and reading of a collective subjectivity in and of the city, adequate to critical emergencies imbued in this threshold between the

1 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo (PROGRAU/UFPel). Arquiteta e Urbanista (UFPel).

2 Professor Associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestre em Educação (UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor pela Università Roma Tre.

3 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo (PROGRAU/UFPel). Arquiteta e Urbanista (UFPel). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

4 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo (PROGRAU/UFPel). Arquiteta e Urbanista (UFPel). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

5 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo (PROGRAU/UFPel). Arquiteta e Urbanista (UEL).

virtual and the non-virtual.

Keywords: walking, collective subjectivity, contemporary urbanism, virtual-no nvirtual.

Introdução

A caminhografia vem sendo vivenciada como uma prática de mapeamento sensível que propõe, concomitantemente, o caminhar, deslocamento físico na cidade, e o cartografar, mapeamento dos desejos que pedem passagem. O caminhar expressado em nossas experiências é uma proposta de exploração que encontra seus caminhos nas derivas situacionistas, nas transurbâncias italianas do grupo Stalker (CARERI, 2002) e no jogo errante, elogiado por Paola Jacques (2012). O cartografar adotado por nós é um desvio da filosofia da diferença, que surge nos platôs de Deleuze e Guattari (1995) e é organizada enquanto método por Suelly Rolnik (2016), Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Lílina Da Escóssia (2015), entre outros.

Caminhografar é, portanto, explorar a cidade a partir de um deslocamento da experiência, registrando qualquer afecto que peça passagem, que provoque o pensamento.

Caminhar como prática social e estética; o método de ler a cidade; o dispositivo de apropriação, de criação de significado espacial, de lugar. Caminhar errando, derivando, performando. Caminhar para encontrar, para se perder, para (re)significar. Cartografar acolhendo e escrevendo a cidade, o território, o lugar. Cartografar como acontecimento. Ação cartográfica para o encontro, ao encontro, para perceber mundos sobrepostos, o diferente, a diferença. Cartografar (des) controlando, errando, caminhografando (ROCHA; PAESE, 2019).

Caminhamos pelo desconhecido, como um jogo que encaramos para uma desterritorialização⁶, uma criação, um deslocamento. Andamos em busca de uma exploração curiosa, um jogo-urbano, por vezes criando situações e ditando regras que guiam o olhar e desvelem algo que é esmaecido pelo caos, pela profusão dinâmica das ruas. Brincamos pela cidade, como a proposta situacionista (JACQUES, 2012), intervindo e movimentando o pensamento e o discurso que nos transforma em investigadores da contemporaneidade, buscando sempre a experiência vivida que nos propõe Jorge Larrosa Bondía (2002). É disso que gostamos, é isso que fazemos, ou ao menos fazíamos quando podíamos acessar as ruas livremente.

Tentando refletir sobre pontos consonantes e convexos explorados pelo método da caminhografia antes e durante a pandemia da covid-19 foi que organizamos este escrito. Escrevemos procurando reverberar algumas discussões feitas pelo Grupo de Pesquisa CNPQ Cidade + Contemporaneidade em disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAUrb/UFPel), bem como ecoando ponderações e aberturas forçadas pelo acontecimento pandêmico.

O método cartográfico propõe uma pesquisa de campo que visa mapear um processo enquanto ele ocorre. Diferente da representação de objetos, a cartografia busca captar as sensações experienciadas em um território e, então, propõe a composição

⁶ A desterritorialização consiste em forças excedentes que objetivam ser captadas e, nas quais, o molecular e o molar colidem. Através dela, são atingidos outros agenciamentos, que podem gerar potência (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

de um mapa sensível (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Assim como nos apropriamos da caminhada como parte do processo desse mapa cartográfico, reinventamos virtualmente, explorando as potencialidades que evidenciam as brechas. Permitindo-nos experimentar a cidade e perceber os efeitos psíquicos em nossos corpos (CARERI, 2002), derivamos por ruas, becos, bordas, escritas, linhas, textos e fugas, às vezes para qualquer direção, às vezes sem objetivo. Navegamos.

Os mapeamentos aqui demonstrados foram criados durante a disciplina Cidade e Contemporaneidade⁷, na qual, além das caminhografias virtuais, foram estudados os principais teóricos sobre as cidades contemporâneas. A caminhografia possibilitada pelo ambiente virtual, explícita neste ensaio, é ressignificada como uma possibilidade de extensão do atual, uma alternativa em tempos pandêmicos. Um mapeamento remoto, mas ainda assim sensível, que nos ajudou a discutir a cidade durante o ano de 2020 e nos mostrou novas possibilidades de vivenciá-la e explorá-la mesmo em tempos controlados.

A pré-pandemia e o processo da caminhografia não virtual

No período pré-pandemia, nós, pesquisadores do grupo de pesquisa cidade+contemporaneidade e revista Pixo, viemos há mais de dez anos trilhando um caminho metodológico-investigativo. Cartografando enquanto caminhávamos, inventamos um caminhografar. Movimento que se estabelecia em comunhão com a dinâmica intrínseca às cidades, as nossas cidades, em nosso tempo. Na experiência de caminhografar, inventamos estratégias, direções e linguagens sempre intempestivas e inovadoras, contemporâneas. Caminhografamos com imagens, escritas, leituras, performances, intervenções e conversas. Propusemos mapas, registros da experiência de deslocamento. Caminhografamos sozinhos ou em grupos, com trajetos determinados, no sol ou na chuva, de dia e à noite, acordados e dormindo, seguindo trilhos de trem ou pulando muros, de todas as formas impossíveis.

Em um dos últimos experimentos solo-coletivos pré-pandêmicos, caminhamos pela cidade de Pelotas⁸. Deslocamo-nos de nossas casas, locais de trabalho e compromissos até pontos de encontro. Encontramo-nos em supermercados, escolas, condomínios abertos, galerias, cemitérios, em dias de chuva e sol, sempre partindo no mesmo horário, mas sem expectativa obrigatória de chegada. E experimentando um exercício de subjetividade coletiva, escrevemos, fotografamos, coletamos, intervimos, registramos, caminhamos – concomitantemente. Jogamos para com a cidade, durante e sobre a caminhada, nos diversos percursos possíveis. Radicalizamos a estrutura de ensino, e a rua virou sala de aula (Figura 1).

Além das cartografias caminhadas, escrevemos. Experimentamos uma escrita-leitura coletiva: um texto não linear sobre nossos percursos, afectos e perceptos. Escrevemos os sentimentos que repousaram em nós durante as caminhografias e os des-alinhamos. Próximos da experiência-derridiana⁹, des-ordenamos o que produzimos nas inscritas-caminhantes. Trata-se de uma escrita-leitura feita do encontro entre todos, de forma continuada e um tanto aleatória, em pedaços de papel em pranchetas que passaram de mão em mão. Embora recortada e colada,

⁷ Disciplina elaborada e ministrada pelo Prof. Dr. Eduardo Rocha no PROGRAU da FAUrb/UFPEL.

⁸ Um pouco sobre essa experiência está registrado no artigo: SANTOS, Taís Beltrame; FORNECK, Vanessa; SEBALHOS, Carolina Frasson. O corpo mulher que caminha: caminhografia na cidade de Pelotas. Pixo: Revista de arquitetura cidade e contemporaneidade, Pelotas, v3. n11, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/18053>>.

⁹ A experiência seria um mover-se em direção ao desejo, à ação ou à decisão (DERRIDA, 1996).



Figura 01: Alunos pulando o muro do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, em Pelotas, durante a disciplina de Caminhografia Urbana. Fonte: Imagem de Carolina Frasson Sebalhos, 2019.

é uma escrita-leitura que virou collage¹⁰. Porque formada por fragmentos também foi a figura e a forma daquela caminhada de todos e todas. A escrita-leitura era o subjetivo-coletivo do qual tanto nos falou Guattari e que só é possível ser incorporado na experiência vivida, como no saber-fazer-poder no pé da árvore contrariando a escola tradicional, que se pode ensinar, saber, fazer em qualquer lugar, freiriano, como em *A sombra desta mangueira* (2012). Foi uma escrita-leitura com emoção, que arranhava a pele, que fazia rir e chorar.

Toda essa experiência de caminhografar cidades se encontra com a experiência-sentido, como nos conta o espanhol Jorge Larrosa Bondía (2002). A caminhografia é propriamente uma experiência, diferente do experimento. Enquanto o experimento produz ciência, certezas, remédios, vacinas, entre outras coisas, a experiência produz heterogeneidades irrepitíveis, sem objetivo, previsíveis, plurais, etc. E é justamente aí que estávamos e que gostamos de estar. Nesse entre derridiano, próximo de *A Farmácia de Platão* (2005), experimentando a escrita como um remédio-droga. Na representação morada da escrita-leitura, encontramos não mais uma oposição, mas uma posição diluída de centros. Um significante possível para dar vazão a um espectro não significado. Talvez mais uma ferramenta – uma pista ou um rastro¹¹.

Se em outro momento o discurso e os embates rompidos com a experiência da e na rua nos evidenciaram outras peculiaridades e potencialidades da caminhografia, a investigação como método em tempos pandêmicos foi suspensa, alterada. A covid-19, um verdadeiro acontecimento derridiano, modificou totalmente o cenário de pesquisa que estava dado. Fechou-nos dentro de casa – ao menos nós, estudantes e professores, que portamos o privilégio dessa pausa, desse distanciamento.

E então, pandemia: controle-remoto

Vivemos uma vida que já vivíamos. Embora tenhamos maximizado as inovações que nos permitem um encontro virtual, o velho novo – dito normal – é reinventado como um remédio para os problemas gerados pelo pequeno vírus. Se no período

¹⁰ A collage é um conjunto de fragmentos, que quando colocados lado a lado fazem sentido no contexto como um todo. FUÃO, Fernando. Fragmentos e a Collage. Blogspot, 2020. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2020/10/fragmentos-e-collage_31.html> Acesso em: 15 de Dez. 2020.

¹¹ O conceito de rastro é um entre, não sendo caracterizado nem por presença nem ausência. O rastro é qualquer chance de presença, um rompimento (DERRIDA, 2011).

pré-pandêmico as tecnologias já mediavam, invadiam e sufocavam nossas relações, o que era visto como um veneno, no novo normalizado, elas viram bálsamo. Nas telas, a tecnologia se expõe como a solução à vida normal, afinal, precisamos ficar confinados. Mas confinados onde? Prendemo-nos às telas em busca de uma rotina demarcada. O trabalho virou home-office; as aulas, remotas; as chamadas, de vídeo – ao menos para nós que podemos usar a rede de comunicação mundial e portamos tecnologia para estar no espaço virtual. Afinal, o novo normal pertence aos que têm acesso a ele através da rede global.

Nesse espaço estriado, fora da experiência da caminhografia pelas cidades, controle, vigilância e domesticação predominam. Estamos na frente das telas, dentro das jaulas e vendo o mundo através das janelas. Sentindo-nos solitários dentro de nossas próprias casas, como detentos que merecem um confinamento especial: sem distrações, somente à espera, vivendo a angústia e a incerteza de quando seremos libertados (FOUCAULT, 1987). Estamos domesticados dentro de casa, com a cidade dentro de casa, dentro do busto e da cabeça. A cidade está sobre as telas. As cabeças em frente a elas.

E o que está dentro da cabeça? A insegurança, o medo, o desconhecido. Um vírus tão agressivo e desafiador que nos força a permanecer dentro de casa. Uma força mais abstrata que nunca, de controle, mas quase incontrolável. A distância vem como alívio. Ou pelo menos, como uma chance de evitar a infecção. A liberdade vem do auto-cárcere. Estamos isolados, mas não salvos do controle político, que continua a existir, exercendo seu poder, monitorando nossos gestos e comportamentos. Estamos diante de uma força que controla nossos corpos como se fôssemos máquinas, que tem o poder de disciplinar corpos com regras, práticas e técnicas. Somos controlados através de telas, de dentro de nossas casas. As telas e as casas são fábricas de corpos dóceis (FOUCAULT, 1987), corpos domos-ticados.

Estriamos em absoluto o espaço liso de nossas casas. O vírus estria na própria cidade, a sitia enquanto apaga seus domínios. O espaço sedentário é estriado por muros, recintos e percursos entre os recintos, ao passo que o espaço nômade é liso, marcado somente por traços que se apagam e se deslocam com o trajeto (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Se a rua era antes espaço nômade, como costumávamos afirmar, ela se enche de barreiras e distâncias. Longe de ser a cidade que estávamos habituados a experimentar, a cidade da nova normalidade é densa, submissa. É a cidade do medo. Só se pode sair de casa para realizar tarefas essenciais. O que é essencial? Nesse controle de corpos exercitados e submissos, há também uma pressão na relação desse corpo e sua utilidade. Corpos obedientes e úteis. A universidade precisa continuar.

Então, entre maio e junho, fomos desafiados pela academia a voltar num modo que eles denominam como remoto. Remoto: o que ocorreu há muito tempo, longínquo; o que está distante no espaço, distanciado. Controle-remoto. Estriamento distante. Longínquo e afastado. E agora? O que fazer? Como fazer a experiência de caminhografar pelas cidades? Como viver a cidade de dentro de casa? Como aproximar-se do distante?

Para melhor entender como nos encontramos com a caminhografia virtual, faz-se necessária a aproximação do conceito de Piérre Levy, para quem o virtual é uma extensão de acontecimentos atuais que dependem de atualização (LEVY, 1996). Sendo assim, o virtual assume o lugar do significado, opondo-se a uma atualização de significante, ou do atual (PIMENTA, 2001). Assumindo que o atual é no tempo presente, então usamos o termo não-virtual para o passado, no qual as caminhografias eram presenciais. E para falar sobre as caminhografias que aconteceram no período

da disciplina, usamos o virtual, que foi caracterizado pelas telas.

Foi preciso reinventar a dinâmica das aulas, adequar uma disciplina teórico-prática para teórica-prática-virtual, atirar-se no novo normalizado como que jogados de um precipício, na pulsão de vida-morte, no mergulho do não pensado. Cada um no seu centro, no seu lugar, na sua tela, no seu quarto, com as suas coisas. Todos assistindo, nos seus ecrãs de classe média, as soluções das novas-velhas boas maneiras, enquanto outros marginalizados, reprimidos e ignorados seguem resistindo pelo alisamento das estrias. Eles não têm opção.

Caminhografia virtual: metodologia e resultados da disciplina

Como experimentar a cidade na contemporaneidade em tempos de pandemia? Em uma disciplina de um curso de Pós-Graduação? Em modo controle-remoto? A disciplina Cidade e Contemporaneidade aconteceu semanalmente, às quartas-feiras, à tarde, entre 14h20min e 16h, de junho a setembro de 2020. Em reuniões controladas remotamente por Google Meet. Éramos 21 jovens estudantes, pesquisadores, arquitetos, artistas, advogada, engenheiros, professores, mães, filhas, donas de casa e tudo mais. Às vezes, havia alguns convidados perdidos e resgatados.

Nos encontros remotos, por telas e áudio, encontramos nos lendo e conversando com textos da filosofia-arquitetura, como: Fernando Fuão¹², Celma Paese¹³, Igor Guatelli¹⁴, Paul Preciado¹⁵, Giorgio Agamben¹⁶ e Jorge Jauregui¹⁷. Assistimos a filmes do Kleber Mendonça Filho¹⁸ e do Leonardo Martinelli¹⁹. Apresentamos seminários sobre os arquitetos e urbanistas Kevin Lynch²⁰, Jane Jacobs²¹, Aldo Rossi²², Robert Venturi²³ e Colin Rowe/ Fred Kutter²⁴. E fizemos mapas.

Foram sete mapas individuais e um território do outro, que chamamos de amigo secreto. Cada um cartografou a sua cidade ao longo do exercício, totalizando seis cidades no Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Pelotas, Rio Grande, Santo Ângelo, São Lourenço e Teutônia. Já o mapa que criamos para o outro poderia ser feito em qualquer lugar do mundo, escolhido por quem o produzisse. Cada participante tinha um pseudônimo, para que ninguém fosse identificado, fazendo com que o exercício

12 FUÃO, Fernando. A Hospitalidade na Arquitetura. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2, Natal, 2012. Anais Teorias e Práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporânea, Natal, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Federal do Rio Grande do Norte, 2012. v. 2.

13 PAESE, Celma. O Campo Urbano. Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 19, n. 1 p. 38-50, 2019.

14 GUATELLI, Igor. O sentido que falta e o prelúdio a um pensamento do devir, entre Barthes, Derrida e Koolhaas. In: Vitruvius, n. 242.06. São Paulo: Vitruvius, 2020. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.242/7823>> Acesso: 19 de Agosto 2020.

15 PRECIADO, Paul. A Conjunção dos Loosers: E se o vírus foi criado em laboratório para que todos os losers do planeta pudessem recuperar seus ex? Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/f/a-conjuracao-dos-losers?fbclid=IwAR1Pa9gW7suPKxwZpd_5Zoayjcpkee_jYZ4m90WqROk8cL1sjDFu6XqGQA> Acesso em: 01 de jul. 2020.

16 AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

17 JAUREGUI, Jorge. O intangível em Psicanálise e Arquitetura. In: Vitruvius, n. 025.03. São Paulo: Vitruvius, 2002. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/03.025/772>> Acesso em: 15 de jul. 2020.

18 RECIFE FRIO. Direção: Kleber Mendonça Filho. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Intérpretes: Andrés Schaffer, Antônio Paulo, entre outros. Brasil: Cinemascópio Filmes, 2009. Online Vimeo (24min), legendado, colorido.

19 VIDAS CINZAS. Direção: Leonardo Martinelli. Roteiro: Leonardo Martinelli. Intérpretes: Wagner Moura, Marielle Franco, entre outros. Brasil: Pseudo Filmes- UNESA, 2017. Online Youtube (15min), legendado, P&B.

20 LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. 3ª Ed, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

21 JACOBS, Jane. Morte e Vida das Grandes Cidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

22 ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. 2ª Ed, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

23 VENTURI, Robert. Complexidade e Contradição em Arquitetura. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.

24 ROWE, Colin; KUTTER, Fred. Ciudad Collage. Barcelona: Gustavo Gilli, 1981.

Figura 02: Mapa da camada eu estou aqui, disciplina de Cidade e Contemporaneidade, PROGRAU/UFPel. Fonte: My Maps Google. Acesso em: 20 nov. 2020.

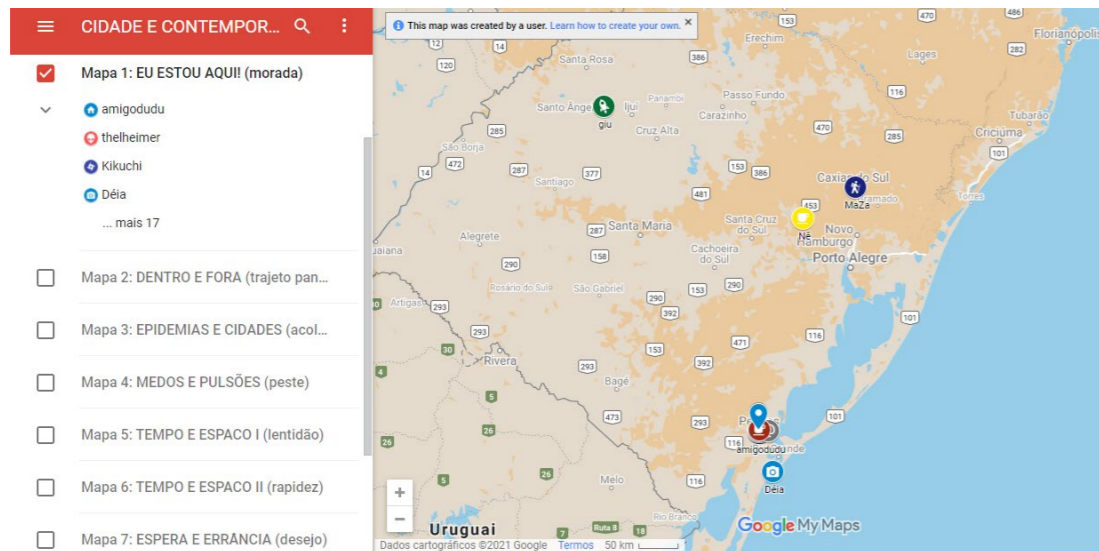


Figura 03: Mapa 1: Eu estou aqui! Disciplina de Cidade e Contemporaneidade, PROGRAU/UFPel. Fonte: My Maps Google. Acesso em: 25 mar. 2021.

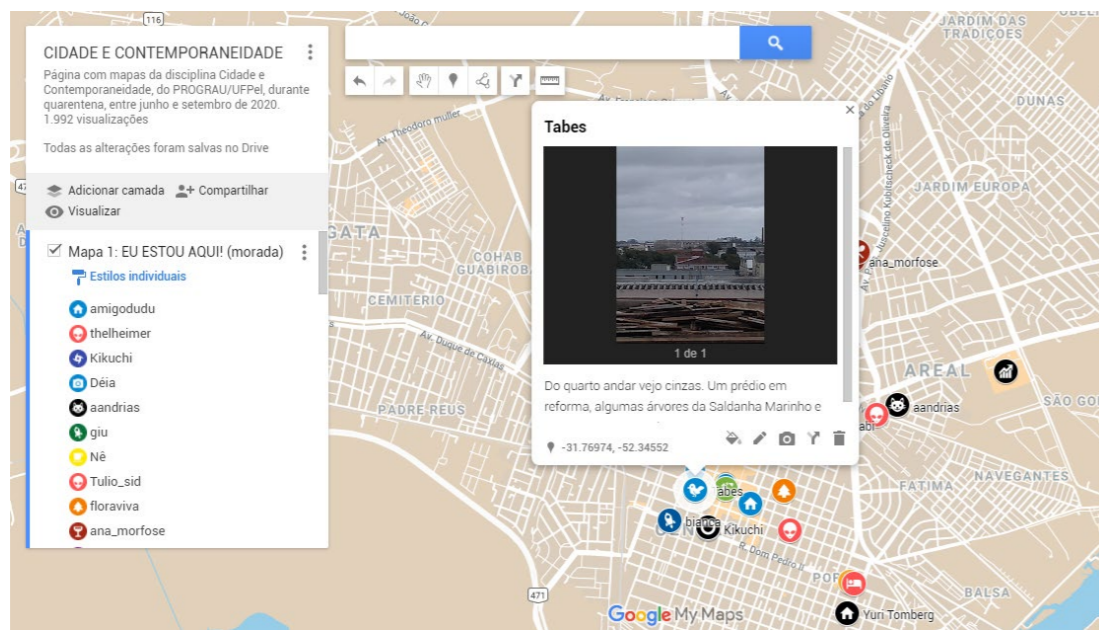
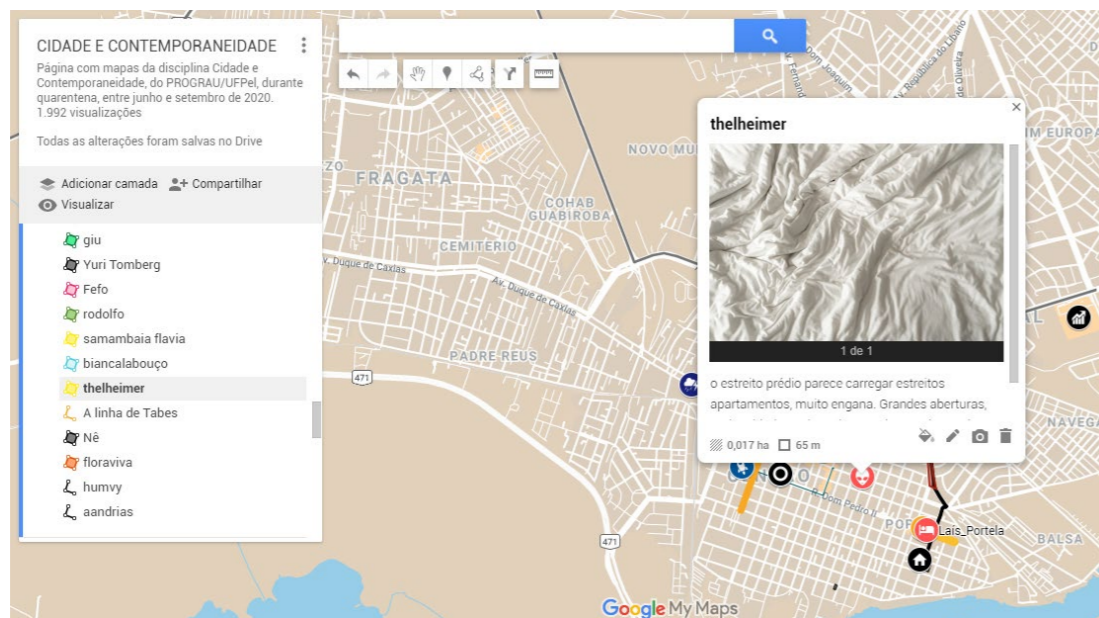


Figura 04: Mapas 3: Epidemias e Cidades. Disciplina de Cidade e Contemporaneidade, PROGRAU/UFPel. Fonte: My Maps Google. Acesso em: 25 mar. 2021.



fosse mais fluido.

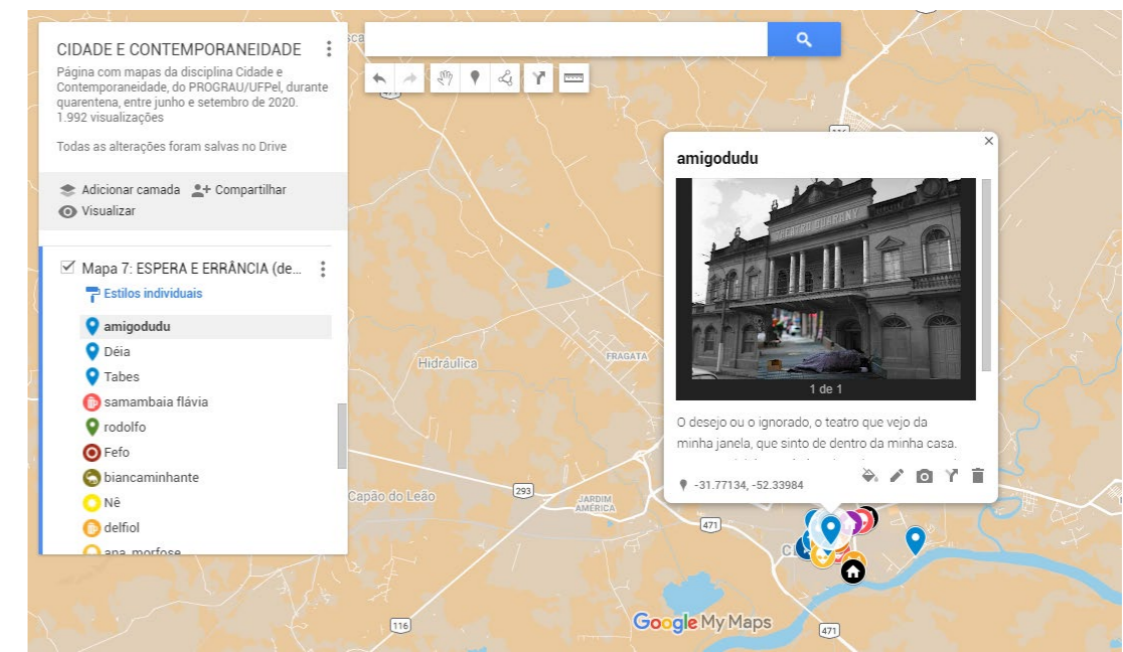
Os mapas foram feitos semanalmente, com marcações na plataforma My Maps Google²⁵. (Figura 2).

A experiência de mapeamento remoto de cada participante foi registrada por meio de camadas temáticas que guiaram o percurso de um caminhar virtual. Os disparadores eram sempre oposições clássicas, nomeadas pela cidade, pelo espaço e pelo tempo: morada, cidade pandêmica, acolhimento, peste, lentidão, rapidez, desejo e o outro. Ao todo, foram feitas 168 marcas no mapa. O jogo-mapa com marcas foi sinalizado com pontos, linhas e planos; escritas-leituras, falas, fotografias, vídeos, música e arte. Tudo desconectado e ressignificado, desconstruindo o binário. Já não sabíamos mais o que era o quê. Os diferentes conceitos de cada mapa se conectaram estabelecendo relações entre si: a morada (MAPA 1: EU ESTOU AQUI!) marca o início da jornada – um ponto no caos (Figura 3).

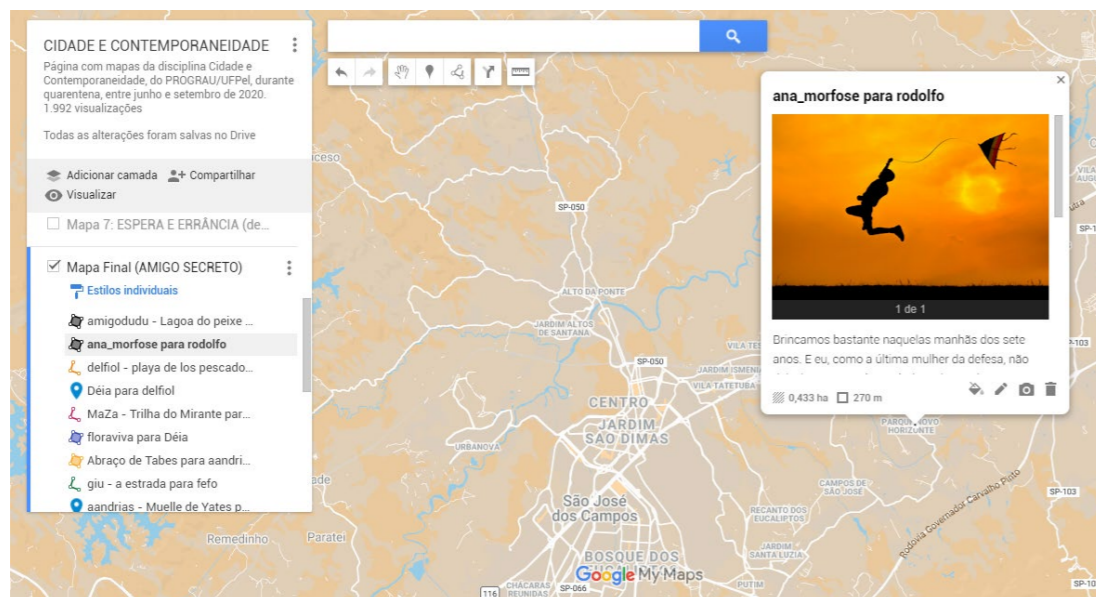
O *trajeto pandêmico* mostra o percurso realizado durante o isolamento (MAPA 2: DENTRO E FORA) – uma linha que nos conduz ao ponto de chegada, o nosso principal destino; o *acolhimento* (MAPA 3: EPIDEMIAS E CIDADES) pede uma forma em um lugar da hospitalidade (Figura 4).

A *peste* (MAPA 4: MEDOS E PULSÕES) aponta a temática dos medos e pulsões que coexistem tanto dentro como fora, pede uma imagem, imagem de arte para transformar e acessar sentimentos; a *lentidão* (MAPA 5: TEMPO E ESPAÇO I) e a *rapidez* (MAPA 6: TEMPO E ESPAÇO II) estabelecem os ritmos em uma cidade vista de longe, ou de perto, de dentro, no mapa virtual; o *desejo* (MAPA 7: ESPERA E ERRANCIA), Figura 5, é um pedido lançado neste jogo de encontros e desencontros, pistas para um presente de *amigo secreto* (MAPA FINAL) que acontece por fim, nesse momento já estamos presentes para receber um pouco de nós mesmos e de cada um (Figura 6).

Figura 05: Mapa 7: Espera e Errância. Disciplina de Cidade e Contemporaneidade, PROGRAU/UFPel. Fonte: My Maps Google. Acesso em: 25 mar. 2021.



²⁵ Para visualizar os mapas elaborados durante a disciplina Cidade e Contemporaneidade do PROGRAU da FAUrb/UFPel, acessar o link: (<https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=16PLT79Ht9oHzYylUzWlU5sKmkhNDI1bk&ll=-31.743628937324473%2C-52.34369643443011&z=14>).



A cidade pandêmica virtual e não-virtual começa a ser caminhografada a partir de experiências próprias: pedimos sensações, questionamos como caminhamos, com qual velocidade e para onde vamos? Refletimos um pouco sobre a arte, formas e descrições que ultrapassaram modos de representação e marcação, trazendo à tona a maneira como cada um se sentiu tocado pelas experiências na cidade. Esses momentos foram transferidos para um mapa virtual como registro de um período excepcional. Registramos questionamentos, respostas, vida – a vida de cada um, de uma sociedade, de uma classe-média privilegiada.

A ideia era perceber rastro no mapa. Rastros como rasuras. Rasurar o *Google Maps*. Rasurar as certezas. Rasurando, assim, o espaço-tempo. Agitando tudo numa zona caótica e indecível do indizível. Provocando o intempestivo nietzschiano. Inscrevendo algumas não concordâncias com o espírito desse momento pandêmico, intenso e extemporâneo. A tecnologia colaborou para que pudéssemos compreender o processo em segurança, de casa, marcando o mapa, estudando a cidade, e podendo ainda entender como estávamos convivendo na cidade pandêmica da covid-19.

Muitas perguntas surgiram, de todos os lados e ecrãs, sobre como fazer o mapa: “isso pode? Não entendo nada? Eu não sei fazer? Vou fazer qualquer coisa então. Eu fiz, mas está errado.” O mapa não tinha a intenção de ser certo ou errado. A ideia era entender como a tecnologia poderia auxiliar em um campo que até então era experimentado a partir do caminhar, do cartografar, do caminhografar. A experiência de caminhografar online é uma lembrança ou algo que ainda não existe, ela é sentida e sua transmissão é difícil.

Todos esses mapas foram jogados. O jogo foi descentrado, buscando dissolução de oposições. Tratou-se de uma escri-leitura realizada numa plataforma super-centrada a partir de questionamentos sem respostas e talvez imapeáveis. Estranhando e errando, a possibilidade de diferir é o jogo. Caminhando. Caminhografando de novo, em outros movimentos e tempos, propomos a experiência de construir e desconstruir todos esses mapas. Um mapa se transformou em outro, des-hierarquizado.

A tela permitiu que, de novo, nos encontrássemos, a partir de encontros e desencontros nos mapas. Resignificamos lugares, caminhos e sentimentos a partir de várias telas, várias pessoas, várias casas, várias cidades. Reinventamo-nos compondo as imagens, as marcações no mapa e os escritos de forma aleatória e instintiva. Se nada é agora, tudo é antes e depois, passado e futuro, estamos em um limbo do qual

necessitamos fugir. Destacamos a escrita-leitura potente, com forças que vão do centro às bordas. Desconstruímos, assim, a própria ciência da geografia, do mapa, das latitudes e das longitudes. Desconstruímos o espaço e o tempo.

Necessitávamos ler esses mapas descentralizando interpretações, desconstruindo. Precisávamos desalinhar os pensamentos, pô-los em mapas virtuais sem esquecer que ainda estávamos vivendo uma pandemia. Mas as marcas não precisavam ser sobre esse tema; podiam ser sobre o que o participante quisesse. Mesmo com um tema central, era fácil fazer com que o pensamento se deslocasse, se desalinhasse. E a distância nos ajudava nesse sentido. A tela é um convite ao devaneio, um convite a virar os pensamentos do avesso, embaralha-los.

No mapa, podíamos ler e ver o que o outro adicionava, assim podíamos sentir como se fôssemos o outro. O relato de *ana_morfose* no Mapa 4: medos e pulsões, expressa esse sentimento:

A peste se esconde, astuta. A gente acha que pega pelo espirro... Corre, lá vem a peste! Mas este é só um dos efeitos que ela tem, quando diz: “apesar do vírus, estou muito bem, obrigada.” Teletrabalho? E-aula? Ela sobrevive. Nos mata, mas sobrevive. Certo dia, precisei descer o lixo e dei de cara com a peste na esquina. Fui até a caçamba. Tinha gente lá dentro. Comendo. Meu Deus, tem gente lá dentro! Joguei meu saco de sujeira. Não olha, não olha! Abaixei a cabeça. Naquele momento, eu era a peste. Ela circula, e passou por dentro de mim. (CIDADE E CONTEMPORANEIDADE, 2020).

As narrativas feitas a partir do que era proposto por vezes eram tão fortes que entrávamos no mundo do outro. Queremos fugir da peste, mas, de repente, percebemos que também somos ela. A tecnologia nos uniu, mostrou que temos sentimentos que podem se assemelhar, mas também nos distanciar. Essa pessoa que estava na caçamba talvez nem conheça a tela que uniu alguns estudantes para tentar entender a cidade. A cidade não-virtual através do virtual. E como, então, podemos unir cidades que não contam com os mesmos acessos?

Mapear conjuntamente é uma partilha. É um sentir o outro, sentir do outro e, algumas vezes, não sentir. É cartografar pelo outro, ou entender como o outro cartografou, e interpretar essa cartografia de estudantes de classe-média, essa cartografia de lugares conhecidos por eles, levando em conta que alguns não conhecem a cidade do outro. Assim como *ana_morfose* teve a sensibilidade de mostrar um lado da cidade para o qual não é usual olharmos, também é preciso entender que outros não têm a sensibilidade desse olhar.

Exemplificamos trazendo os pontos marcados na camada *medos e pulsões*, cuja proposta era exemplificar o que era a peste para cada um. Discutimos o quanto as telas nos domesticavam naquele momento e pudemos ver que a peste, em sua grande maioria, não foi expressada nas margens da cidade, mas ficou concentrada em suas áreas centrais ou hegemônicas, como mostra a Figura 07.

Estávamos em diferentes lugares, tínhamos diferentes pensamentos e, ainda assim, a caminhografia aconteceu. Ela veio com uma força de entender o outro – que estava, ao mesmo tempo, longe, distante, mas perto e presente.

Assim, pudemos perceber que poderíamos rasurar qualquer parte do mapa, independentemente do lugar do mundo onde estivéssemos. Então, o local da

Figura 07: Pontos na camada medos e pulsões (peste), mapa 04. Recorte na cidade de Pelotas. Fonte: My Maps Google. Acesso em: 20 nov. 2020.

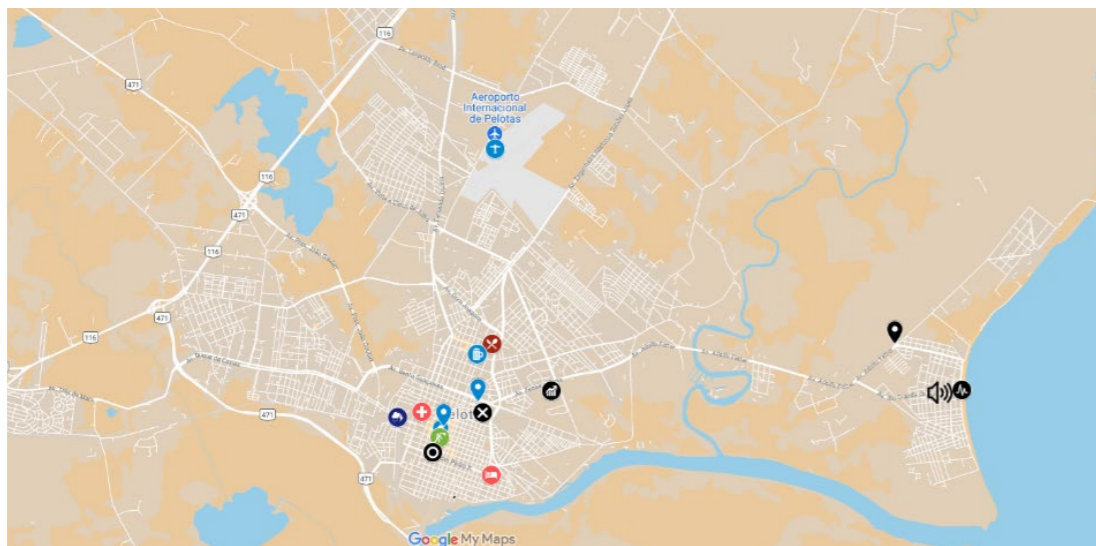
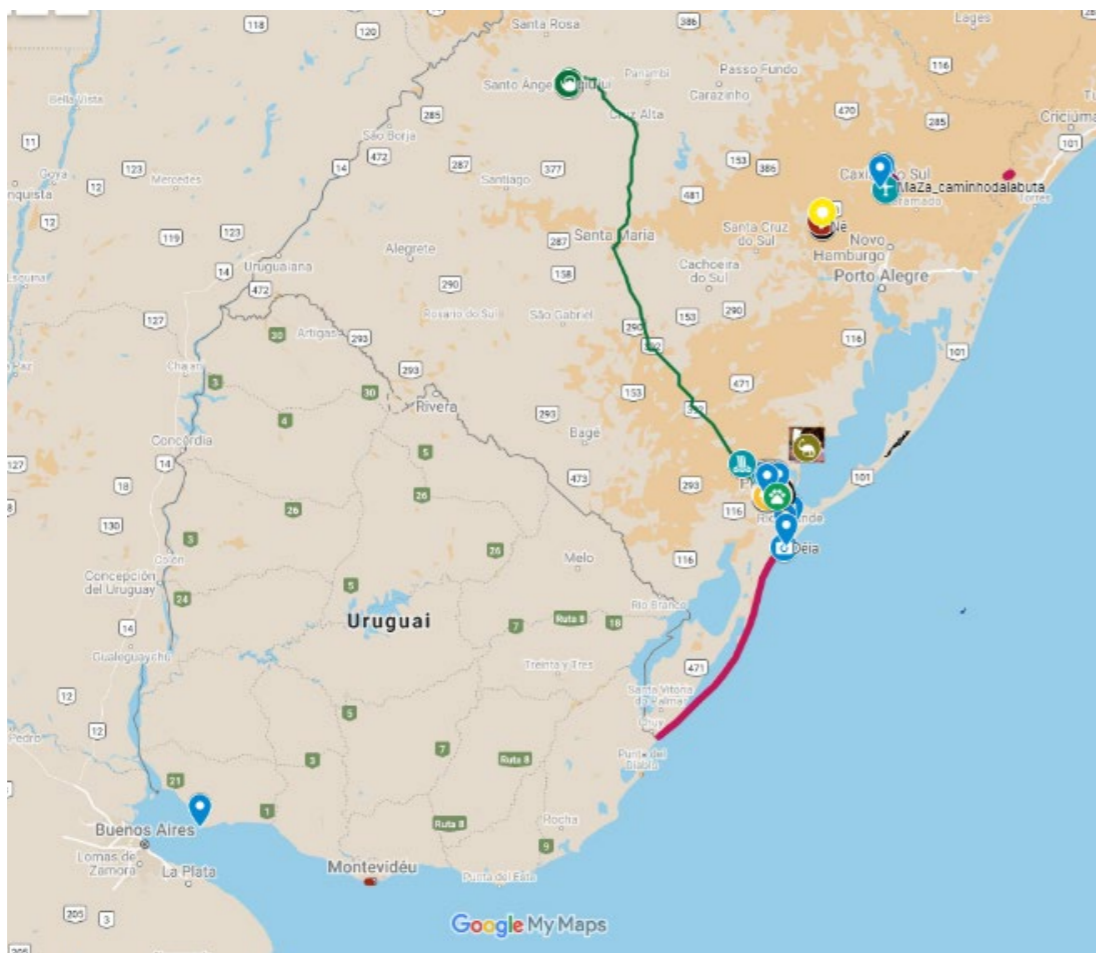


Figura 08: Mapa com todas as camadas de intervenção no mapa. Fonte: My Maps Google. Acesso em: 20 nov. 2020.



caminhografia se tornou o mundo inteiro. Apesar disso, contivemo-nos com o sul da América do sul, como mostra a Figura 08. Talvez não quiséssemos ir longe, mas apenas voltar ao que já tínhamos: à nossa cidade.

Ao longo da disciplina, pudemos conversar com convidados, professores de outras universidades. Se não estivéssemos vivendo um momento de virtualização, esses docentes teriam que se deslocar para poder participar do debate – ou talvez nem participassem dele – para entender melhor como está funcionando a pandemia e a tecnologia para diferentes locais do Brasil.

A plataforma com a qual trabalhamos permitiu que usássemos diferentes formas de

representação em diferentes situações. A forma de representar se ampliou, tornou-se mais livre. Podíamos usar rasuras no mapa, imagens ou vídeos, bem como escrever o que fosse possível escrever. Através de poemas, histórias e contos, a arte se fez presente. Artes próprias, artes de renome mundial, artes de autores desconhecidos.

Os resultados de cada semana se afastaram das certezas e auxiliaram na produção do pensar. Refletimos sobre a cidade, a arte e o sentir – sobre como o outro sentia. O pensar aconteceu em conjunto, enquanto cada um pensava o que colocaria nos campos permitidos. Durante a semana, cada um olhava o que o outro tinha feito e, assim, foi possível que cada um pensasse um pouco além de si.

A criação de um mapa coletivo virtual: uma *collage* virtual

A ideia engendrada a partir da leitura derridiana de Rousseau (DERRIDA, 2011) era ler esses materiais, juntando-os aleatoriamente em escrita, imagem, marcas e falas para dar vazão a uma ausência. Para Deleuze talvez fosse a criação ou a dramatização de um personagem conceitual, um agenciamento. A coexistência (ESPINOSA, 1973) não é uma coisa nem outra, mas são todas as coisas ao mesmo tempo e agora. Agora. Vivas. Reais e virtuais. Na tela, no ecrã, na jaula. Ao mesmo tempo, passado-presente-futuro.

Vivemos um *farmacón* em doses semanais, ora velocidade, ora lentidão, ora hospitalidade, ora hostilidade, ora não sabemos mais definir a experiência. A experiência é um jogo errático. Propomos um mapa como *farmacón* – um mapa psicanalítico, atemporal, anti-espacial – ou como companhia.

Saímos e entramos na cidade, fugimos dela e a enfrentamos. Marcamos a casa como refúgio em um dado momento, mas nossos refúgios são variados e diferentes. Não sabemos mais os limites entre natureza e cidade, entre arquitetura e urbanismo, etc. Estamos num *entre*. Surge uma carta selvagem, um coringa, que também joga.

Então, uma *collage* seria um bom objeto final para expressar cada camada, ou até mesmo o mapa inteiro, a partir de formas de expressão que cada participante escolheu, com base em sua descrição. Às vezes é um sentimento, outras, um objeto que representa a camada. Portanto, se fez necessária a utilização da *collage*. Como exemplo, trazemos as Figuras 9 e 10 para expressar o rastro deixado em uma caminhografia virtual.

As *collages* mostram uma parte da experiência de cartografar a cidade no modo virtual. São fragmentos de sentimentos, imagens, pensamentos e inscrições rasuradas nos mapas durante a disciplina. Fizemos dois mapas distintos, um imagético e outro textual. Ambos carregados de signos. Tudo aquilo que sentimos durante o trajeto foi colocado para fora, inscrito num mapa: medo, aflição, liberdade, acolhimento, insegurança, velocidade, vazío. O mapa é um momento de respiro, de sair da jaula para ver e sentir a cidade. O olhar caminhógrafo observa cada detalhe que antes passava despercebido, cada passo na rua traz uma novidade ou uma sensação diferente. Nada mais é igual, e tudo cabe no mapa.

Sobre as aulas online: reflexões

Grandes distâncias nos separavam, eram várias cidades ao longo do Rio Grande do Sul, mas a tela, cárcere-jaula, também foi uma entrada para o mundo coletivo. Ela nos uniu e possibilitou fazer esse exercício juntos. A tela, espaço físico-virtual de



"Linha, linha grossa, passagem, lugar amplo, lugar livre, lugar para pegar sol. Quando cruzo o largo do mercado me sinto livre, abraçado, eu não danço, mas me dá vontade de sair dançando. Pedra portuguesa. No caminho para casa da minha mãe sempre sinto muito tranquila no canteiro em meio as arvores, mas ao mesmo tempo sinto uma angústia com a quantidade de carros que passam ao meu redor. Feira do produtor quartas e sábados... onde me sinto acolhida... céu, sol ar livre, grama, frutas e verduras; a linha é velocidade. A linha é dois pontos. Não há demora, não há espera, não há contato. Ao correr a linha evito a calçada, ando no meio fio, dividindo espaço com os carros sem nenhum medo de ser atropelado, quando estou na calçada sinto receio em esbarrar com o vírus. a linha é ida e volta, o meio é veloz. Na pedalada até a farmácia, um solzinho do final da manhã e uma área livre no canteiro com um verde muito bonito e uns bancos, que agora se encontram vazios e melhor preservados. No banco vi o tempo passar. No chão me vi passar no tempo. Entrei no jogo e deixei meus sapatos fora da roda. Sentia o frio e a umidade subindo dos pés pro corpo inteiro. Cantei, dancei e vi dançar. Uma ilha onde, pelo menos uma vez na semana, me sinto acolhida. Ela tem acesso direto por dentro da minha casa: "fala pai, como está?". Por isso aprendi a gostar do sofá da sala, pelo qual sinto as paredes azuis da cidade de lá. Ironia. Foi essa ilha distante a forma de acolhimento e permanência nesta cidade do lado de cá. Parece até que viraram vizinhas, num espaço que nem eu sei onde é. Enseada. O trajeto até o mercado tem uma praça e um cemitério. Momento de respiro, por onde consigo olhar distante e me perco em pensamento. Lugares de descanso – vida/pracha e morte/cemitério. Enseada. Pelo retrovisor vejo as duas torres da igreja da Lourdes. Interioridades sobre a fé que me acompanha... lembro com saudade dos amigos do coral, dos ladrilhos coloridos que não vejo faz um tempo e o Google me lembra... estou no "meu bairro". Na rua, me sinto em uma eterna reta insegura e fugida, que quer seguir, procurando nada nem ninguém, mas somente cumprindo tarefas. Os lugares são retas, as calçadas são retas, as tarefas são retas. Vou com a intenção de voltar – reta – ao lar – ilha. Não falo, não pego o celular, não ponho a mão no rosto. Todos os dias são frios. A feira, nas terças pela manhã, as cores o ar livre, por vezes o sol, os feirantes sorridentes – em época de pandemia só com os olhinhos – me encanta, me acolhe, me mostra a vida que ainda existe na cidade, nada poderia me deixar mais feliz, conto os dias para sair de casa e ir à feira. O estreito prédio parece carregar estreitos apartamentos, muito engana. Grandes aberturas, muita cidade, muito sol entrando e acalentando, estreito tempo. Enseada. Linear ao longo do seu percurso. Curso. Não se permanece, mas se liberta, se expõe e se recebe. Sol, experimentação urbana, passeio. É lugar de se (re)compor, exercitar e se soltar. Pedalar, Ciclovida. Mantida sob arestas. Olhar, olhar, olhar e não tocar, caminhos incertos em um mundo surreal, pessoas vazias cheias de reais. Carros dominantes, barulhos violentos. Enseada de concreto, um frio vazio cheio de vontades. Livre. Amplitude. Claridade. Contraste, vegetação. Uma ilha verde para os olhos. Linha de chegada. Grama e arvores. Aqui me sinto seguro. Mesmo estando na maioria das vezes só, hoje parece ser o único lugar que consigo me desligar do que está acontecendo. Natureza, concreto, coexistência. Os dois mundos significam um abraço, a natureza e a cidade. Antigo campo de futebol onde me sinto acolhido."

Figura 10: Collage textual das 21 vozes, feita com os escritos produzidos na camada acolhimento, mapa da disciplina do PROGRAU. Fonte: Texto de Eduardo Rocha, adaptado pelos autores, 2020.

encontro, por vezes causou estranhamento. Muitas vezes, o silêncio predominou. As falas paralelas que ocorriam nos encontros presenciais não existiam mais. Na tela, existe uma hierarquia clara: um fala, os outros escutam. Quando duas pessoas falam ao mesmo tempo, ninguém entende. A fala é ditada por uma pessoa, enquanto as outras ouvem atentamente, ou nem tanto. O sentimento de hierarquia é amplificado quando o ciberespaço é o determinante. Há um controle não humano sobre a situação. A tela enquanto nos aproxima, nos distancia. Presencialmente, as distrações também existem, claro, mas na frente de uma tela, em casa ou no trabalho, elas se intensificam.

Existe um mundo exigindo presença além do que pode ser visto pelas telas, ou janelas. Há tanto barulhos internos quanto externos ao local no qual cada um se encontra. Notificações nos bombardeiam a cada minuto. Alguém realiza afazeres domésticos enquanto presta atenção. Ocorrências batem às portas e travancam a liberdade condicionada de uma sala de aula. No encontro virtual, apesar de quisermos estar todos equânimes no local, não estamos. A aula não é mais o foco, ela está distanciada, é um dos focos. Existem outras obrigações que agora competem com esse espaço. Se um aluno precisa sair ou entrar, pode fazê-lo, sem o julgamento dos demais, sem a responsabilidade de intervir numa situação coletiva. Os alunos podem acessar a aula assincronamente. Não existe a confiança entre eles e o professor. A relação que ultrapassa o dever é prejudicada. Na sala de aula da tela, não se ouvem os suspiros e mal se veem os estranhamentos. As aulas são síncronas, e

controladas. Se não gosto do que vejo, posso me ausentar, e ainda estar ali. Tenho o controle enquanto sou controlado.

As salas virtuais são potentes lugares de encontro, de aproximação, mas são uma oportunidade de nos expressarmos enquanto o perigo da convivência presencial é iminente. Na sala de aula virtual, não existe corpo, existe só imagem. A constante transmissão de um audiovisual virtual nos retira do processo humano de celebrar o encontro. Existe sim experiência pedagógica, mas não do jeito que gostamos. Não celebramos o encontro espinosano ou a experiência Larrosiana. Somos apenas perfis, com medos, pulsões e vontades, mas perfis virtuais, terceirizados. Perfis que não podem estender a mão, dar um suspiro, puxar a cadeira, levantar e sair da sala – ao menos não enfaticamente. A sala de aula virtual exige controle e hierarquia, e não é essa a pedagogia em que acreditamos.

Pistas sobre as caminhografias não-virtuais e virtuais: rastros e potências

As aulas online são fatos recorrentes em nossa vida durante a pandemia. Pontuamos algumas marcas dessa experiência, e reiteramos aqui a emergência intrínseca a essa nova metodologia. Embora tenhamos nos empenhado em vivenciar a cidade dessa forma, transpondo alguns limites físicos e buscando brechas da representação virtual, a tecnologia nos priva de vivenciar a complexidade da cidade. Mas nos abre possibilidades em relação ao compartilhamento de informações.

Na caminhografia não-virtual, ou seja, pré-pandêmica, os encontros se davam fisicamente. O deslocamento partia de um ponto qualquer da cidade, poderia ser de casa, do trabalho, da faculdade, mas o ponto de chegada era um lugar combinado, este que regia nossos encontros. A caminhografia nesse processo ficava voltada para elementos não-virtuais. Nós, como arquitetas e urbanistas, olhamos a cidade com um olhar crítico e prático, identificando os problemas e pensando nas soluções. Seja na questão dos fluxos urbanos, observando o trajeto dos pedestres, ciclistas, automóveis etc., ou em soluções construtivas, com as edificações que encontramos pelo trajeto, ou a falta delas. Assim, o funcionamento da cidade, suas interações e vivências sempre foram recorrentes nos registros.

Já na experiência virtual, toda ação gera um mapa-registro que pode ser facilmente compartilhada. Os mapas gerados na disciplina compõem um registro subjetivo, mas de certa forma menos individual do que na experiência não-virtual. Considerando que todas as cartografias estavam disponíveis para todos os participantes e a qualquer momento todos podiam consultar o que fizera o colega. Assim, os mapas são registros de um processo coletivo de compartilhamento de vontades, medos e pulsões. Além disso, os encontros e marcações nos mapas da caminhografia virtual foram provocados por ideias – deslocamentos de pensamentos –, o que suscitou resultados mais abstratos, diferentes e livres. Havia uma força externa que nos tornava mais introspectivos. Essa possibilidade nos provocou a olharmos para nós mesmos, de dentro, por dentro, já que era impossível olhar para fora. A caminhografia virtual proporcionou um movimento mais íntimo daquilo que borbulhava por dentro e que não cabia mais em nós. Tudo isso foi colocado para fora, em um ou vários mapas.

E então, qual o limite entre o virtual e o não-virtual? Se o virtual foi refúgio do não-virtual, qual foi o refúgio do virtual?

Buscando entender os contrapontos entre a cidade não-virtual e a cidade virtual, elencamos vários pontos, apresentando as potencialidades e fragilidades de cada

um dos processos. A intenção do texto foi expor diferentes perspectivas, entendendo quais eram os aspectos mais pertinentes a serem desdobrados para que a discussão pudesse ser ampliada. Enfim, a tecnologia proposta na cartografia da cidade virtual-não-virtual acompanhou o percurso de reinvenção de uma outra possibilidade de caminhografar o urbano.

Percebemos que ao caminhografarmos virtualmente, somos afetados pelos rastros das caminhadas já realizadas. A caminhografia virtual ocorre em dois momentos: primeiro é realizada a caminhada e depois a cartografia. A caminhada é praticada fisicamente, registramos esse momento presencial na memória e o registro virtual ocorre depois – uma invenção do agora. Caminhamos virtualmente correndo o perigo de inventar uma caminhada que devém da lembrança, do espectro do caminhar na rua, normalmente cheia, não pandêmica. Assim, a caminhografia passa a ser uma mistura ampliada temporalmente, uma profusão entre signo e sentido, entre antes e agora. Sendo que o agora, é também defasado, pois é virtual. No entanto, constatamos que ainda assim é uma caminhografia, pois usa dos mesmos artifícios: a caminhada e o mapeamento para tecer uma experiência registrada.

Percebemos que o que fica marcado no mapa são os encontros que re-vivemos, re-memoramos e re-gistramos. É o que nos afecta de maneira mais intensa na cidade de forma não-virtual. Como no relato registrado por *ana_morfose*, que expressa suas inquietações sobre a peste a partir de uma breve saída para levar o lixo até a caçamba. Assim, também, os fragmentos encontrados nas *collages*, aquilo que foi visto, sentido e marcado na nossa memória durante o trajeto, é justamente um rastro da cidade não-virtual que pode ser colado, sobreposto ou confundido com o mapa virtual.

Percebemos a caminhografia virtual como uma reinvenção do próprio tempo, talvez uma *collage*. Ela junta fragmentos de lembranças, tempos, imagens, lugares, etc., e cola em uma cidade inventada, em uma plataforma centrada e controlada que sistematiza de forma virtual uma representação de cidade, uma organização de vida urbana. Mesmo assim, a cidade virtual segue existindo e sendo um fragmento da cidade não-virtual, produzindo sua própria realidade, que também segue regras e normas de vigia e controle. Como a cidade não-virtual, a cidade virtual colabora para a invenção da realidade.

A plataforma utilizada *Google My Maps* causou encontros e desencontros a partir de dúvidas e certezas. Mas o jogo seguiu e, ao final, gerou um resultado que nos fez pensar sobre como o mapa composto pelas suas ranhuras, espectros, rastros e fragmentos nos modificou no agora. A experiência abriu uma possibilidade de análise dessa cidade inventada, virtual-não-virtual, que uniu passado-presente. Estar nesse dentro-fora possibilitou a descentralização da cidade planejada e mapeada pelas empresas globais. Essa outra possibilidade de cartografia gera novos desafios, mas também possibilidades de integração entre cidades, regiões ou países. Reitera-se, mais uma vez, como uma potente ferramenta de aproximação entre experiência, subjetividade e cidade – e, portanto, como leitura heterogênea de territórios praticados que subsistem na brecha, na diferença, e, por isso mesmo, revelam potências por vir da cidade legal.

Referências

BONDÍA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n.19, p. 20-28, 2002.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o Caminhar Como Prática Estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2002.

CIDADE E CONTEMPORANEIDADE. *Mapa 4: Medos e pulsões. Relato de ana_morfose. Disciplina Cidade e Contemporaneidade*. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2020/2 (não publicado). Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=16PLT79Ht9oHzYyIUZwIU5sKmkhNDi1bk&ll=-29.852340670132854%2C-53.24545299755211&z=7>> Acesso em 23 de fev. 2021.

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol. 1.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. Vol. 4.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. São Paulo: Abril cultura, 1973.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2012.

JACQUES, Paola. *Elogio aos Errantes*. Salvador: Editora UFBA, 2012.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PIMENTA, Francisco. *O conceito de Virtualização de Pierre Lévy e sua aplicação em hipermídia*. São Paulo, v.4, n.1, p. 85-96, 2001.

ROCHA, Eduardo; PAESE, Celma. Chamada para a décima primeira edição da revista pixo. Pelotas: *PIXO- Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, 2019. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/announcement>>, acesso em 25 de março de 2021.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. Porto Alegre: Sulina, 2016.